

Busca do bem-estar causa mudança no modo de vida

Cláudio Rocha

A melhoria da qualidade de vida, bandeira recente das entidades governamentais e não governamentais, as conhecidas ONG's, vem motivando pessoas e até famílias inteiras à mudança de hábitos de moradia, alimentares, a um maior contato com a natureza e, principalmente, a trocar estabilidade financeira e a correria dos grandes centros por uma forma de subsistência menos estressante. Mas o conceito de qualidade de vida, que começou a ganhar corpo no final dos anos 80 e ficou mais forte pós Eco-92, é confundido pela maioria da população com ideal de vida e varia muito de acordo com o contexto de cada uma. Para a professora de francês Suely

Carla Milagres, uma refugiada da poluição de São Paulo e hoje moradora de Manguinhos, a melhoria da qualidade de vida está relacionada a uma convivência harmoniosa com o meio ambiente. A também professora, de ioga, Conceição Cabral de Oliveira experimentou mudanças mais radicais e prefere uma visão mais espiritual para atribuir para si uma melhoria na qualidade de vida. Já em São Pedro, um exemplo mais cru da realidade brasileira, o ideal de vida de Rosilene Arruda dos Santos, de apenas 29 anos, casada e com dois filhos é voltar para a sua terra natal (Belo Horizonte), enquanto Penícia Miranda dos Santos, aos 48 e com 12 filhos, diz que apenas a distância do marido a separa da felicidade total.



A melhoria da qualidade de vida também pode ser obtida com a recuperação e preservação do meio ambiente

Foto de Chico Guedes

Pesquisa mostra condições ruins

A condição de vida da população capixaba, como em todo o país, continua sofrível. De acordo com a pesquisa feita por técnicos do Instituto Jones dos Santos Neves e publicada no relatório "Mudanças ocorridas na distribuição de renda e nas condições de vida da população do Espírito Santo na década de 80" — numa tendência para os dias atuais — foram verificadas uma queda dos rendimentos da população até 1989, uma grave tendência à urbanização, provocando um inchaço cada vez maior principalmente na saturada Grande Vitória, e apenas uma discreta melhora dos serviços públicos.

O relatório do Instituto Jones não trata especificamente de saneamento básico — fundamental para a melhoria da qualidade de vida —, mas nesta área a coisa não é melhor e a constatação de anos

Em nome de qualidade de vida, o microempresário na área de informática Leonardo Drummond abandonou os prósperos negócios em São Paulo para, há seis meses, tentar a sorte numa cidade mais tranqüila e onde o contato com a natureza é mais fácil. Ele admite ter perdido muito em perspectiva financeira na troca de São Paulo por Vitória, já que saiu de lá exatamente quando lançava um livro junto com dois amigos ("Clipper em redes", que trata de uma das linguagens de programação mais difundidas), mas diz ter pensado no bem-estar da mulher e do filho de dois anos para tomar a decisão, e não se arrepende.

"São Paulo é uma cidade muito cruel", dispara, advertindo que lazer na capital paulista é absolutamente relacionado à quantidade de dinheiro que se tem no bolso. "Em Vitória ganhei com a natureza. O lazer é barato e as praias são próximas", diz Leonardo Drummond, de 26 anos. Mas, colocando na balança, ele admite outras perdas na troca recente (em São Paulo ele viveu por quase três anos): "A cultura lá é mais próxima e São Paulo acolhe quem tem competência; Vitória, os amigos".

Para Drummond, conceituar qualidade de vida é sempre uma coisa muito particular. Para ele, é viver tranqüilo, sem gastrite (doença comum do estresse provocado nos grandes centros), vendo o filho feliz, e estar próximo do mar.

Na tentativa de vencer o estresse provocado por quase seis anos de magistério, a hoje professora de ioga e ex de Português, Conceição Cabral de Oliveira, fez o que se pode chamar de rodar a baiana. Aos 25 anos (hoje tem 31), ela decidiu mudar tudo. Largou o

magistério tradicional, um curso de Letras já no seu final por um curso de reciclagem para professores de ioga, que garante o seu sustento até hoje. "As pessoas se preocupam em correr atrás de dinheiro. Eu investi de novo", explica.

Conceição Cabral de Oliveira, mais conhecida como Tatão, abandonou também a religião católica e hábitos alimentares tradicionais. Agora ela participa de um grupo de mentalização — "uma filosofia de vida e não uma religião", se apressa em dizer — e tem como base alimentar carnes brancas, ovos, queijos e muitas frutas e verduras. E a professora, que mora e trabalha em Campo Grande, tem a receita de uma boa qualidade de vida: "Viver em harmonia, bem com a vida, amar as pessoas e sentir a energia".

Para a professora de Francês Suely Carla Milagres, entretanto, o conceito de qualidade de vida é mais amplo. Na tendência conceitual cada vez mais clara entre os ambientalistas de que meio ambiente seria praticamente tudo, ela acredita que não se pode dissociar qualidade de vida do meio ambiente.

Presidenta da Associação de Moradores de Manguinhos (Amam), uma das primeiras do Estado a ter o termo qualidade de vida como bandeira, Suely Milagres está no Espírito Santo há 12 anos e admite, aliada à transferência do marido, Marlou Milagres, da Cosipa para a CST (emprego que ele também já largou por uma satisfação profissional e por uma vida menos estressante), ter fugido da poluição de São Paulo. Ela morava em Santos, cidade que sofre forte influência da Capital.

Como qualidade de vida, embora não despreze o conceito de acesso, en-

Situação no Estado até 1989	
Salário	- 34% dos trabalhadores ganhavam até 1 salário mínimo e mais de 50% até dois salários
Educação	- 17,6% da superior a 10 anos era analfabeta
Energia Elétrica	- 9,4% das residências ainda não dispunham de luz elétrica
Lixo	- 51,6% das habitações não eram atendidas por serviço de coleta de lixo
Água	- 33,2% dos domicílios não eram atendidos por rede geral de abastecimento de água e 22,3% não tinham filtros de água

tre outras coisas, aos serviços essenciais que o Estado deveria oferecer à população, Suely cita também a luta organizada das associações comunitárias ecológicas e lembra, como exemplo de força, a recente lição da "geração cara pintada", que invadiu as ruas para exigir o afastamento, com sucesso, do presidente Fernando Collor de Mello.

Da vida pessoal, a professora de Francês diz viver como gosta e por isso defende radicalmente a manutenção das características de Manguinhos, na Serra, um dos balneários mais tranqüilos da Grande Vitória e onde ainda a natureza sobrevive ao desenvolvimento. Só sente falta, admite, de um maior lazer cultural, que ela supre nas idas e vindas para São Paulo e Rio de Janeiro, este último Estado onde vem fazendo uma pós-graduação em Literatura. "Quando viajo aproveito ao máximo para ver todas as peças e manifestações

culturais. Mas fico louca para voltar quando fico por lá mais de três dias".

Do outro lado

Mas do outro lado da Grande Vitória, em São Pedro, onde a realidade é mais cruel, a população não se lembra de ter ouvido falar em qualidade de vida nem em discurso de político e, lógico, o termo não é menos confundido do que onde a miséria não chega. Os ideais de vida não conseguem ultrapassar o estado de pobreza quase absoluta em que são obrigados a viver.

Com apenas 23 anos, casada, dois filhos — um com seis anos — Rosilene Arrauda dos Santos anseia pela volta a Belo Horizonte, onde mora quase toda a sua família. Um sonho, que ela identifica como qualidade de vida e quase como uma utopia. "Meu marido é mecânico e Belo Horizonte é ruim de trabalho", reclama Rosilene, que mora

num pequeno barraco às margens do mangue.

Já Penícia Miranda dos Santos, aos 48 anos e com 12 filhos, que há oito anos deixou Afonso Cláudio em busca de uma vida melhor em Vitória (ela também mora em São Pedro), diz que só mesmo a distância do marido, João Ricardo Pereira, a separa da felicidade total. Ele é operador de máquinas e vive em Barra de São, Francisco, onde trabalha. Dos 12 filhos, com orgulho, diz que apenas dois (de 10 e 11 anos) ainda dependem dela. "Os outros já se sustentam".

Para a socióloga e professora da Ufes, Lurdes Araújo, o termo qualidade de vida é uma evolução de bem-estar social e, em qualquer das duas hipóteses, está absolutamente distante da massa. "Qualidade de vida como acesso a serviços básicos, melhor distribuição de riqueza, participação na vida cultural, é ainda uma coisa distante da realidade brasileira", garante.

Na Europa, segundo ela, com as questões sociais envolvendo o conflito entre capital e trabalho razoavelmente superadas, os movimentos organizados evoluíram para questões mais amplas, como políticas de meio ambiente e as lutas em defesa das minorias (como os negros e homossexuais).

No Brasil, Lurdes acredita que os conflitos entre capital e trabalho ainda não estão resolvidos. Aqui, explica ela, a qualidade de vida está relacionada ainda a quanto o salário pode comprar. "Boa parte passa pela condição de consumidor, mas não só de mercado e também pelos bons serviços que deveríamos ter direito do Estado". Para Lurdes, o neoliberalismo chegou ao Brasil pedindo ao Estado para se retirar de onde ele nunca esteve e a única coisa que se pode garantir é que qualidade de vida da população é péssima.

melhor e a constatação, de acordo com números fornecidos pela Cesan — principal empresa fornecedora dos serviços de abastecimento de água e tratamento de esgoto no Estado — são alarmantes.

A Cesan atende a 45 dos 67 municípios do Estado e revela que apenas 12,6% do esgoto produzido na Grande Vitória são tratados, com números ainda piores para o interior do Espírito Santo: 5%. Mas quanto ao abastecimento com água tratada, a situação na área de influência da empresa é das melhores do país, com 90% do seu público alvo sendo atendidos pelo serviço.

Voltando à pesquisa dos técnicos do Instituto Jones dos Santos Neves, um dado grave também é que 90% da população ficaram mais pobres entre 84 e 89 e 10% mais ricos, concentrando 53% da renda produzida no Estado. De acordo com o levantamento, o índice de analfabetismo para pessoas com idade superior a 10 anos, até 89, era muito alto se comparado com os índices da Região Sudeste, de 10,9% da população.

Outra constatação assustadora, que tem relação com saneamento básico, é de que menos de 50% da população capixaba tinham acesso ao serviço de coleta de lixo na década de 80. Também, explica o documento, quase 30% das residências não dispunham, até 89, de geladeira.